

GRANDE TEATRO FARROQUILHA

" MELANCOLIA "

Peça em três atos de : ERICO CRAMER

ELenco

Narrador ..... SALIMEN JUNIOR

Luis Carlos ..... PAULO RICARDO

Helena ..... ZAIRA ACAUAN

Miloca ..... NINA ROSA

Michael' ..... DARCY FAGUNDES

\*\*\*\*\*

" MELANCOLIA "

Original em 3 atos de: ÉRICO CRAMER

GRANDE TEATRO FARROUPILHA

OPERADOR CARACTERISTA MUSICAL FORTE/FUNDE COM MELANCOLIA QUE PERMANECE EM  
BG PARA FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR Luiz Carlos Wardot era um homem triste, apesar da fortuna imensa que possuía e que lhe permitia viver correndo mundo, usufruindo, dele, todas as coisas boas que o dinheiro pode proporcionar. Diziam uns que a sua melancolia provinha de uma grande desilusão amorosa, sofrida nos primeiros anos de sua juventude; outros afirmavam que o seu mal provinha do excesso de dinheiro em função da sua pouca experiência, o que lhe trouxera, como consequência, uma saturação dos prazeres mundanos. Outros, ainda, aludiam a sua trágica tese ao fato de ser ele um rapaz só, sem parentes próximos e sem amigos senão aqueles que buscavam tirar da sua fortuna um proveito qualquer. (PAUSA E TOM) A verdade, entretanto, é que fôsse o motivo qual fôsse, o seu mal se acentuara consideravelmente nos dois últimos anos e ele, que já começava a se sentir irritado com a bajulação constante dos ambiciosos, resolvera isolar-se de todos, internando-se, voluntariamente, numa propriedade rural que fôra relacionada entre os bens que lhe haviam tocado por herança paterna. A referida propriedade distava menos de dois quilômetros da vila de Imondaí, onde o repás aparecia esporadicamente, sempre que a sua companheira inseparável - a melancolia - lhe proporcionava uma pequena trégua. (PAUSA E TOM) Na Colina do Só, como era conhecida a propriedade, nunca eram vistas outras pessoas que não fôsses os poucos empregados que lá exerciam a sua atividade, razão porque não deixou de causar certo espanto, entre eles, a aproximação de uma charrete conduzida por uma moça morena e de porte médio, graciosamente vestida. (SEGUE A NARRAÇÃO SEM PARAR)

OPERADOR CHARRETE EM FUNDO

NARRADOR Cabêlos soltos, revoados à brisa da tarde, trazia ela, nos olhos escuros e grandes, uma expressão de serena energia que deixava bem transparecer o traço marcante da sua personalidade. A charrete transpôs a porteira grande da propriedade, para estacionar, minutos depois, à frente de uma larga escadaria de mármore que dava acesso ao casarão imenso onde vivia o jovem milionário. (SEGUE A NARRAÇÃO)

OPERADOR CORTA A CHARRETE EM FUNDO

A moça saltou da charrete com extraordinária leveza e graciosa de-

envoltura. (SEGUE A NARRAÇÃO)

C/REGRA (PULO LEVE EM CHÃO BATIDO)

NARRADOR Pafez os cabelos daselinhados pelo vento, subiu, ligeira, os poucos degraus à sua frente e fez soar a aldrava de bronze da porta escura e monumental.

C/REGRA (BATIDAS DE ALDRAVA)

NARRADOR Momentos depois, estava ela sentada a uma velha poltrona de espaldar alto, à espera que lhe aparecesse o dono da casa. Não demorou muito em que ãle surgisse, emergindo de um pesado reposteiro de vóludo grenat, desbotado e carcomido pelo tempo. Ao avistar a figura da moça, parou por alguns momentos, olhando-a com visível reserva e desconfiança. Ela, por sua vez, com imperturbável serenidade, angustiosou em rápidos instantes. Era um rapaz alto... louro... quasi bonito... trajando comelegante displicência. Depois de uma pausa pesada e constrangedora, o silêncio foi rompido, finalmente.

LUIZ CARL. (SECO) Boa tarde.

HELENA (AMÁVEL) Boa tarde.

LUIZ (DEPOIS DE PAUSA) Desejava... alguma coisa de mim?

HELENA Sim. Desejava conversar alguns momentos com o senhor, se não lhe parecesse impertinência de minha parte.

LUIZ Bem... desde que seja um assunto rápido, nada tenho a obstar.

HELENA Empregarei o máximo esforço em esplanar o assunto com a maior rapidez possível. (PAUSA E TOM) Seu assistente social e fui designada para prestar os meus serviços à infância desamparada de Imandá. Os recursos fornecidos pelo Governo, para essa assistência, são tão precários e eu me lembrei...

LUIZ (CORTANDO) Um momento, senhorita. Eu já compreendi o objetivo da sua visita e não vejo necessidade em que continue a sua explanação. (TOM) Quanto quer?

HELENA (P RENDENDO O GEITO) Francamente... o senhor... o senhor é desconcertante...

LUIZ Por que? Não é dinheiro e que a senhorita deseja para as suas obras de assistência?

HELENA Bem... realmente, mas... mas não é apenas o dinheiro que eu quero. Desejo, juntamente com ãle, o apêlo moral dos corações bem formados e o interesse, constante, daqueles que se aprestam a me ajudar.

LUIZ Não lhe parece que é exigir, da mesma pessoa, muita coisa a uma só tempo?

HELENA Por que?

LUIZ Poucos são os que podem dar dinheiro, portanto... já lhe dariam muito, dando o que é mais difícil de conseguir. O apêlo moral e o

interesse, a senhorita pediria aos que não lhe podem dar mais do que isso.

HELENA

O meu plano é diferente, senhor Bardot. Eu quero, justamente, que aqueles que financiem a minha obra assistencial, acompanhem o emprego do capital oferecido, servindo-me, inclusive, de conselheiros naquilo que eu me proponho a realizar.

LUIZ

É uma tática inteligente, não há dúvida, porque quanto mais a gente acompanha e se interessa por uma determinada coisa, mais se apaixona por ela e acaba, fatalmente, dando muito mais do que pensava dar. Não é que eu me queira furtar aos gastos que possa fazer, mas confesso que não tenho gosto e nem tempo para essas coisas.

HELENA

O senhor já experimentou, alguma vez, trabalhar pelo bem do próximo?

LUIZ

Si lhe digo que não tenho gosto nem tempo... está evidenciado que não.

HELENA

E não sente, ao menos, curiosidades de provar o gosto que isso tem?

LUIZ

Também não!

HELENA

Sabe que... que talvez encontrasse nisso o remédio?

LUIZ

Remédio?!... Para quê?

HELENA

Para essa melancolia que a gente sente que lhe domina.

LUIZ

(IRRITADO) A senhorita está me parecendo um tanto impertinente e intrometida. O que é que lhe autoriza a pensar que eu seja um melancólico?

HELENA

Em primeiro lugar, essa expressão de vazio que se percebe em seus olhos e que nos dá a impressão de que o senhor está sempre distante, olhando, sem ver, tudo aquilo que o cerca; em segundo, porque um rapaz moço, como é o senhor, e que tem nas mãos uma fortuna imensa, como se sabe que é a sua, não se abstem dos prazeres do mundo, senão quando sente um tédio terrível por todas as coisas que a princípio tanto o empolgaram, mas que depois, pelo excesso ou pela facilidade com que foram conseguidas, acabaram por satirar-lhe a alma e exgotar-lhe o corpo. E o tédio, todos sabemos, é a principal causa or dos grandes males do espirito, entre os qual sobressai a melancolia. É um mal grave, creia; muito grave, mesmo, e que não pode deixar de ser combatido. Se a ele curvamos, resignados, a nossa cabeça, ac abaremos fatalmente por sucumbir. Logo, senhor Bardot, eu não venho aqui apenas para lhe pedir o seu auxilio às minhas obras sociais, venho também lhe oferecer uma maneira do senhor procurar fugir a essa angústia que o asfixia.

LUIZ

Agradeço a generosidade, mas não aceito. Eu não tenho nenhum outro

anseio que não seja o de viver como gosto e como quero. E já que a senhorita se meteu num assunto que só a mim diz respeito, permita que eu faça o mesmo, aconselhando-a a que procure, também, tratamento para o seu mal que me parece tão grave quanto esse que imaginou para mim. É preciso cuidar - e muito - da sua imaginação, para que ela não se exceda demasiadamente, buscando penetrar o intimo dos outros e fantasiando coisas absurdas que se vão situar muito além da realidade. E agora que estamos quites, gostaria que me dissesse, sem mais delongas, quanto deseja de mim, para darmos fim a esta entrevista que já se estende demais. (PAUSA) Vamos, quanto quer?

HELENA

Nada.

LUIZ

Para que veio, então?

HELENA

Já lhe disse. Vim procurar interessá-lo numa obra de grande beneficência que desejo realizar em Imandá, mas uma vez que o senhor me nega o seu interesse, eu não desejo também o seu dinheiro.

LUIZ

Hum-hum... Orgulhosa, não?

HELENA

Engana-se. Não é por orgulho que assim procedo, é por princípio. Tenho um plano de ação estabelecido e não desejo me afastar dele.

LUIZ

Está bem. Cada um age como melhor lhe parece; no entanto, permita, que lhe advirto de uma coisa: se não aceitar a doação que estou disposto a lhe fazer hoje, nunca mais volte à minha casa para me pedir um centavo, porque ouvirei, sempre, dos meus lábios, uma negativa formosa.

HELENA

Não me assusta a sua advertência. O senhor não é, felizmente, o único que pode dar e poucos não de ser, também felizmente, os que mostram tamanho desceio pela miséria e desconforto alheios. E guarde, agora, o que lhe vou dizer, antes de deixá-lo: o senhor ainda se arrependerá - e amargamente - em ter recusado a oportunidade que lhe vim oferecer de se reconciliar com a vida. Quando o tédio e a melancolia fizerem gritar, ainda mais alto ao seu coração e quando o peso dos anos e da solidão o fizerem sentir a necessidade de um carinho sincero ou de um afeto mais puro, o senhor estará só, inteiramente só com o seu egoísmo, temeroso do futuro e sem poder olhar para o passado, porque nada fez, nada construiu com essa fortuna imensa que se chama o espírito de solidariedade humana. (PAUSA E TOM) Bem, e agora eu me vou. E pode estar certo de que jamais voltarei a esta casa, quer seja para pedir, ou para dar alguma coisa. Também sou como o senhor: não ofereço duas vezes aquilo que desejei dar espontaneamente. (PAUSA E TOM) Passe bem, "senhor Luiz Carlos Bardot"... e seja feliz.

C/REGRA  
LUIZ

(PASSOS QUE SE AFASTAM LEVES MAS FIRMES E SE PERDEM NA DISTANCIA)  
Criaturinha patulante e impertinente! Ora já se viu?! Ter a audácia de recusar o meu auxílio e ainda por cima ameaçar-me. O que ela merecia era uma bôe lição, para aprender que não se deve ter assim tanta altivez na vida e que não é tão fácil, como ela pense, desprezar o dinheiro. "o senhor não é o único que pode dar". (COM RAIVA ~~HEHEHE~~ CONTIDA) Não sou o único, eu sei, mas sou o que mais posso, aqui nestas redondezas e ela há de mentir o quanto vale o meu prestígio, porque, a partir de hoje, eu hei de procurar dificultar ou impedir tudo quanto ela queira fazer. Ela há de me pagar bem cara a sua arrogância!

OPERADOR ENTRA COM FUNDO MUSICAL

NARRADOR E a partir daquele instante, Luiz Carlos começou a se interessar vivamente por alg uma coisa na vida. Começou a combater Helena, dificultando-lhe, passo por passo, a sua magnífica tarefa de recuperação aos pequenos desamparados. A moça sentia a sua tenaz oposição, mas não se entregava. Continuava lutando galhardamente. E no fundo, entretanto, sentia-se, por vezes, desanimar ante as tropeços que encontrava em seu caminho. (PAUSA E TOM) Naquele dia, ela ia realizar uma das sua máximas aspirações: ia assinar a escritura de compra de terreno onde seria erigida a "Casa do Menor Abandonado" que estava funcionando, em caráter provisório, num galpão ao fundo do terreno da casa que ela alugara para morar. Saiu de casa radiante de felicidade para retornar, ~~uma~~ meia hora depois, tristonha e abetida. A dona da casa, e sua companheira de moradia, indagou-lhe o acontecido.

OPERADOR CORTA O FUNDO

HELENA Não pude comprar o terreno, dona Miloca.

MILOCA Não pôde? Por que? Você já tinha o negócio tratado e uma parte do dinheiro à sua disposição? Que lhe faltou?

HELENA A mim não faltou nada. Faltou àquele cretino do senhor Luiz Carlos Bardot um pouquinho de critério e de coração para deixar de se meter no meu caminho e strapelhar-me.

MILOCA Como assim, minha filha? Palavra que eu não estou compreendendo.

HELENA Ora, dona Miloca! É uma coisa tão fácil de compreender. Ele, mais uma vez, impediu que eu fizesse o que desejo.

MILOCA Mas impediu de que modo, si o terreno não era dele?

HELENA Bastou que ela soubesse, não sei como, que o terreno ia ser vendido a mim, para ir imediatamente ao proprietário e propor-lhe a compra pelo dobro e com dinheiro à vista. É lógico que o proprietário o vendeu.

MILOCA Que coisa! Como é que uma pessoa pode ter coragem de ser assim tão malvada? Bem que eu já não simpatizava com aquele homem, embora ele nunca me tivesse feito nada. Agora eu estou vendo porque. Quando eu antipatizo com uma pessoa, há sempre uma razão oculta. (TOM ANÍMADO-A) Mas não faz mal, minha filha, deixa. Você não comprou esse terreno há de comprar outro e se não conseguir fazer a Casa do Menor Abandonado este ano, no ano que vem há de conseguir. Não é possível que Deus não esteja vendo o seu esforço e a sua abnegação e lhe deixe ao saber de um cretino desalmado que vive a procurar impedir que você pratique o bem a quem tanto necessita. Ele há de ter o castigo que merece e você não deixará de receber o prêmio que lhe cabe. Não fique triste, menina. A justiça divina pode tardar às vezes mas não falha nunca. Você foi sempre tão animosa e tão valente, porque há de se deixar abater agora?

HELENA (DESANIMADA) Cansa, dona Miloca. Por mais ânimo que a gente tenha, o poder de perseguição é tamanho que se acaba por desanimar.

MILOCA Você quer que eu vá lá, como coisa minha, conversar com ele? Se você quiser, eu vou. Eu só não desejava me meter nisso, porque sei como eu sou. Sou muito boa, mas no momento que me pisam no poncho... eu perco a cabeça, destravo a língua e desafiosos hajam porque eu gasto todos eles e ainda ficam faltando. E é isso que eu temo não: de ir lá para agitar as coisas e no fim entornar o caldo. Em todo o caso... se você quiser, eu vou.

HELENA Não, dona Miloca, muito obrigada. Eu jurei que nunca mais pediria nada a ele ou voltaria àquela casa e não quero pedir nem voltar.

MILOCA Mas não é você que vai, minha filha, sou eu.

HELENA Mas ele pode saber que eu morei com a senhora e vai logo calcular que o seu irmão foi encomendado. Muito obrigada, pela sua boa vontade, mas eu não quero pedir nada àquele homem. O meu desânimo foi momentâneo, não se aflija. Já passou tudo e eu já estou, outra vez, disposta para a luta. E há de vencer, dona Miloca. Pode estar certa de que eu há de vencer.

OPERADOR CARACTERÍSTICA PORTE PARA FIM DO 1º ATO  
(PUBLICIDADE)

OPERADOR CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO 2º ATO

- HARRADOR** A luta entre Luiz Carlos e Helena continuou, intensa e acirrada até que um acontecimento inesperado veio fazer com que ela atingisse o seu clímax. Herrerá uma pobre e infeliz costureirinha deixando no abandono um menino de três anos e meio, que o velho pároco de Inandaf logo se apressou em levar para casa afim de entregá-lo a alguém que quizesse assumir e comprometer-se de criar e educar a criança, dando-lhe carinho e instrução. Mal o bom padre acabára de anunciar, de púlpito esse seu propósito e já intrépida Helena se apresentara, prontificando-se a assumir aquela responsabilidade. Uma hora depois, entretanto, Luiz Carlos encontrava-se na presença do religioso, disputando para si aquele difícil encargo.
- LUIZ** Acabo de saber que o senhor deseja entregar um menino órfão para ser educado por alguém e apressei-me em vir procura-lo para pedir-lhe que me entregue a criança. Compromete-me, perante Deus a satisfazer todas as exigências que me sejam feitas como condição da entrega.
- MICHAEL** Creia, senhor Bardot, que seria muito grato a este humilde sacerdote satisfazer-lhe esse desejo, entretanto...
- LUIZ** Já sei. Houve alguém que se antecedeu a mim; não é isto?
- MICHAEL** Exatamente, senhor.
- LUIZ** Seria, por acaso... a assistente social de Inandaf?
- MICHAEL** Justo. A senhorita Helena, mais uma vez, nos deu testemunho da sua bondade e do seu desprendimento, dispõe-se a juntar às suas ocupações mais nesta que não será pequena.
- LUIZ** Mas padre Michael, o senhor vai me permitir alertá-la sobre um ponto que talvez não tenha despertado a sua atenção, mas que é importantíssimo: esse menino lucrará muito mais, sob todos os aspectos, se ficar sob a minha guarda. Vivará com mais conforto... terá um padrão de vida muito mais elevado... uma educação mais aprimorada e, mais do que tudo isto, herdará, ainda, uma grande fortuna porque eu o perfilharei. Essa moça, que lhe pedirá dar? Quasi na Ben... admito que, para o futuro, o senhor possa dar muito mais a esse menino, entretanto, no momento, ela é quem pedirá dar e que ele mais necessite de carinho e de cuidado de uma criação de mulher.
- MICHAEL** Mas isso ele também terá na minha companhia, porque é lógico que eu vou tratar logo de arranjar uma empregada que se dedique exclusivamente aos cuidados da criança.
- MICHAEL** Não é a menacciola, meu filho. Entre uma pessoa que se dedica por força dos seus próprios sentimentos, levada pela bondade de um coração anseoso e terno e outra que recebe um salário para, fa-



uso de uma dedicação que nem sempre possui, a diferença é esta:  
Uma é água, a outra é vinho.

LUIZ Nem sempre essa diferença, é assim tão frisante, padre Michael. A vida está cheia de exemplos magníficos de uma dedicação comvente de certas empregadas pelos seus patrões.

MICHAEL Está certo. Você disse muito bem: "de certas" empregadas pelos seus patrões, mas "certas" não são todas. E o senhor encontra uma "certa"? Não se pode saber.

LUIZ Oferecendo um ordenado verdadeiramente compensador, não seria tão difícil encontrá-la.

MICHAEL Bem, meu filho, eu não teria nenhuma objeção a fazer, desde que não tivesse empenhado a minha palavra à nossa assistente sem, mas uma vez que isso já foi feito, não posso e não devo voltar atrás. Em todo o caso... seria uma coisa a resolver diretamente com ela. Dentro de poucos momentos ela deve estar aqui para buscar o menino. Faz quase uma hora que saiu para comprar carne, pão, e outras miudezas mais necessárias. O senhor pode esperar a ela as vantagens todas que o menino terá ficando em sua companhia e é possível que os seus argumentos... (TRANSIÇÃO) Olhe. Aí vem ela chegando.

G/REGRA PASSOS QUE SE APROXIMAM (DE MULHER)

HELENA (VENDO MUITO ALEGRE) Pronto, padre Michael. Já comprei tudo que era necessário, já mandei lavar para casa e agora vim... (CORTA SUBITO) TRANSIÇÃO COMPLETA SECA) Bem dia.

LUIZ (IDEM) Bem dia.

MICHAEL Já se conhecem? Este é o senhor...

HELENA (CORTA) Já nos conhecemos, sim, padre Michael.

MICHAEL Ah, muito bem. Pois o senhor Luiz Carlos veio aqui comigo por causa da criança.

HELENA Ah, sim? Será que ele está interessado no menino?

LUIZ Exatamente. E pense que "ninguém" aqui na povoação ou pelos arredores estará em melhores condições para criá-lo e educá-lo em melhores condições "financeiras", é o que o senhor quer dizer, pois não? Entretanto, a educação de uma criança requer muitas outras coisas que o dinheiro nem sempre é capaz de proporcionar. Não lhe parece assim, padre Michael?

MICHAEL Foi exatamente o que eu disse ao senhor Luiz Carlos, antes de você chegar aqui. Toda a criança se resente da falta de cuidado feminino, de carinho da sua mãe ou de outra mulher que a substitua.

LUIZ Mas o fato do menino ser criado na companhia de um homem solteiro, não implica em que lhe falte esse cuidado ou esse carinho que lhe parece tão necessário. Eu estou perfeitamente em condi

ções de mandar vir, da Capital, uma governante com todas essas predicções.

HELENA

O senhor, como homem, deverá saber, melhor do que uma peça solteira, e um sacerdote, a distância que existe entre o carinho cere e o outro que se compra. Uma governante é sempre uma assalariada que dá e que dá na proporção de que recebe.

LUIZ

Eu sei, mas como estou inteiramente disposto a dar o que for necessário para que o menino receba tudo, não tenho nenhuma dúvida em qualquer coisa em assumir uma responsabilidade cuja extensão eu sei perfeitamente medir. E além disto, parece-me que em suas pequenas faltas que ele possa ter agora como menino e as grandes que venha a sentir amanhã, como homem feito, não pode haver termo de comparação. A criança é sempre mais fácil de contentar do que o adulto. Será que mais tarde, quando ele já tiver capacidade para discernir as coisas e saber que não lhe permitiram enveredar pelo caminho do conforto e da abundância, ele não irá sentir revolta contra a senherita e contra o senhor mesmo, padre Michael? (P) <sup>F</sup>ensen bem o respondias.

MICHAEL

(DEPOIS DE PAUSA) Bem, eu... como já disse... não posso voltar atrás na palavra empenhada. A senherita Helena foi a primeira que se apresentou solicitando o menino, e eu, conhecendo-a, como conheço, não tive nenhuma dúvida em atender-lhe o pedido. Agora... cabe unicamente a ela resolver. Se ela persistir na ideia de cria-lo, eu estarei contente e se resolver entregar-lhe o menino, eu estarei contente da mesma forma.

LUIZ

Bem, neste caso cabe unicamente à senherita resolver. Que decida entre qualquer, que não fosse o senhor, eu não teria nenhuma vida em ceder os meus direitos. Ao senhor, não.

HELENA

Minha filha!

MICHAEL

HELENA

Padre Michael, o senhor não sabe os verdadeiros motivos que levam este senhor a só interessar tanto pela sorte do menino que me foi entregue, e por isso eu serei obrigada a revelá-los para que a minha negativa não lhe pareçam intolerância ou tolice. Este senhor tem sido sempre o maior obstáculo a qualquer das minhas realizações em favor dos desherdados da sorte. Tudo aquilo que não tenho podido realizar tem sido por culpa dele, pela guerra suída e mesquinha que vem promovendo para derrotar-me. E tudo por que? Porque certa vez me sobei no direito de recusar uma importância que ele se dispunha a dar-me. E como todos sempre se curvaram ao poder do seu dinheiro, ele não pode admitir jamais, que existisse uma criatura que tivesse a altivez de se manter à frente dele de cabeça levantada. Dá para cá, e que esse homem tem prejudicado a centenas de crianças desamparadas, eu

não se pode com justiça aquilatar. É por isso que, neste momento, eu não tenho a menor dúvida em querer permanecer na posse dos meus direitos sobre esse pequenino que o senhor acaba de entregar. Um homem que para satisfação da sua vaidade e em represália ao seu orgulho ferido não titubeia em prejudicar o bem-estar e a saúde de centenas de inocentes, não possui o senso de humanidade nem a verdadeira retidão de caráter necessários ao desenvolvimento e formação moral de uma criança. (P) E agora já sabe tudo, padre Michael, entregue-lhe de novo o menino para que o senhor escolha a quem confia-le. A ele... ou a mim. (DEPOIS DE PAUSA) Você continuará, com o pequeno, minha filha. (COMOVIDA) Obrigada, padre Michael... muito obrigada! Eu sempre confiei no senhor.

MICH AEL

HELENA

LUIZ

C/REGRA

MICHAEL

HELENA

OPERADOR

NARRADOR

(RAÍÇA CONTIDA) Ambas mães de se arrependem um dia e então... há de ser muito tarde para poderem voltar atrás.

PASSOS FIRMES QUE SE AFASTAM PORTA QUE BATE AFASTADA (CUIDADO EXAGERO DE UMA E OUTRA COISA)

Não tenhamos receio da sua ameaça, minha filha. Deus velará por nós.

Eu não tenho receio, padre Michael. Nunca tive. Quem anda com Deus não teme.

CORTINA MUSICAL

Dois anos foram passados em que a valerosa Helena resistiu a todos os embates do poderoso senhor Luiz Carlos Bardeot. O pequenino Otavio crescia, rodeado de amor e carinho e cujos cuidados dispensavam dona Mileca e sua mãe adotiva, sob a orientação segura do benéfico padre Michael. Quando o pequeno estava para completar o seu sexto aniversário e dona Mileca já iniciara os preparativos para a festa que pensavam realizar, numa noite chuvosa e fria em que ela estava a confeccionar as suas tradicionais balas de estalo, Helena surgiu à porta da saleta, transfigurada.

HELENA

MILOCA

HELENA

(NERVOSA) Dona Mileca, eu estou tão nervosa... tão preocupada... Deus de Misericórdia! Que aconteceu, minha filha? Você está brnca como um ~~leão~~ leão.

Faz um hora, mais ou menos, que Otavinho acordou queixando-se de dor na garganta. Preparei-lhe um gargarejo, pus-lhe uma compressa de álcool e ele tornou a dormir, mas agora acordou outra vez e parece sufocado. Respira com dificuldade... eu queria que a senhora ficasse no quarto cuidando dele enquanto eu vou chamar o doutor Alexandre...

MILOCA

Não fique assim tão nervosa que não há de ser nada, minha querida. Volte você para o quarto que eu penho o meu capete e num

nemente vai chamar o doutor.

**NARRADOR**

O doutor veio em seguida e desde logo se mostrou profundamente preocupado com o estado de saúde do menino. Todos os sintomas vendustiam as desconfianças do medico para uma difteria que, se confirmada, acabaria por matar o pequeno, já que em Imandaj não existiam os recursos necessarios para debelar uma enfermidade tão grave. Amparo, a cidade mais proxima e melhor aparelhada e: materia de hospitais e recursos medicos, distava cinco horas de li, batidas em agtmevel sobre péssimos caminhos. Era tempo de: naziado longo para que o pequenino enfermo pudesse resistir. Havia um unico recurso: o pequeno avião particular de proprie: dade do senhor Luiz Carlos Bardot. Diante da sugestão de deu: Alexandre, dona Mileca empalideceu. Houve uma pequena pausa de hesitação. Helena fez um gesto ao doutor Alexandre pedindo: lhe que permanecesse ao lado da criança e saiu do quarto em: passas miúdas e ligeiras. Dona Mileca seguiu-a, ansiosa. Alcanç: a quasi ao pé da porta, num pausa que fez para apanhar a sua capa no cabide.

**OPERADOR**

RUIDO DE TEMPORAL FORA

**MILOCA**

(ANSIOSA) Você vai lá, minha filha?

**HELENA**

É claro que vou, dona Mileca.

**MILOCA**

Quer que eu vá por você?

**HELENA**

Obrigada, Ele exigiria a minha presença e estaríamos a perder um tempo que é preciso.

**MILOCA**

Eu vou com você, então. Quer?

**HELENA**

Não, não. O doutor Alexandre pode precisar da senhora. Correrá casa de Ambrosio, e ele me levará no seu automevel. Volte para quarto. ~~NARRADOR~~

**NARRADOR**

Des minutos depois, um For de bigode, gingando pelos caminhos e lanceado, galgava, com visível dificuldade, a colina de 86. O chefe, calado e atente, procurava desviar o carro dos trepeços que lhe ameaçavam à frente. Helena, baixinho, murmurava uma prece à Senhora dos Aflitos. Finalmente chegaram. Ela saltou, ligeira e bateu à porta com insistencia. Momentes depois encontrava-se no mesmo salão em que fora recebida na primeira vez que ali estivera. O temporal, lá fora, persistia intenso, mas não era sen e que lhe ia dentro d'alma. Sempre rezando e pedindo graças, el esperou, impaciente, aquelo homem adiado, a cujos pés pensava se atirar de joelhos para salvar uma vida. E ele chegou, finalment

**OPERADOR**

CONSERVA EM BG/TEMPORAL FURIOSO

**LUIZ**

Como?! A senhora em minha casa, a esta hora da noite e com este tempo?

**HELENA**

Eu, sim. Os designios de Deus fizeram com que eu pusesse de par e meu odio e o meu orgulho e voltasse a esta casa para lhe pe dir um favor.

- LUIZ Fale.
- HELENA <sup>M</sup>eu filho adetivo morrerá si eu não chegar a Amparo antes de duas horas e eu venho lhe suplicar que nos leve no seu avião.
- LUIZ Já pensou bem no pedido que me faz com uma noite destas?
- HELENA Eu lhe darei o que quiser, contanto que me atenda.
- LUIZ Pois bem, eu tenho apenas um preço para este trabalho, mas adv. te-lhe que é um preço alto. Estará disposta a paga-lo?
- HELENA Já lhe disse que lhe darei o que quiser. Peça.
- LUIZ A senhora me entregará o menino e nunca mais se aproximará d. le.
- HELENA (PAUSA BREVE RESOLUTA) Seja. Aceito a condição.
- OPERADOR RUIDO DE TEMPORAL FORTE-MISTURA COM ROCO DE AVIO POR UNS MOMENTOS E CARACTERISTICA MUSICAL ABAFANDO TUDO PARA FINAL DO 2º ATO
- LOCUTOR PUBLICIDADE COMERCIAL
- OPERADOR CARACTERISTICA DE ABERTURA PARA O 3º ATO/FUNDO COM MUSICA DE NARRACAO QUE PERMANECE EM BG
- NARRADOR Os prognósticos do doutor Alexandre foram confirmados no Hos. tal de Amparo e durante tres dias o pequenino Otavio esteve entre a vida e a morte. Helena não se afastou um momento de p. te dele. Rebia-lhe as menores gestos, as mais insignificantes reações. Dona Mileca, enfermada por Luis Carlos que regressara Imandaí na tarde seguinte, apressou-se em se postar ao lado d. sua amiga, procurando infundir-lhe uma coragem que ela mesma não tinha. O menino ia resistindo aos embates do mal. Finalmen. depois de uma luta insana de cinco longos dias, o medico e dec. reu fora de perigo. Quando há haviam transcorrido desse dias d. quele susto terrivel, o medico deu alta ao pequenino enfermo, d. sende que ele podia, finalmente, regressar a sua casa. Helena, es. tretante achou de melhor alvitre esperar mais tres dias. Ao fim desse prazo...
- OPERADOR CORTA O MUNDO
- MILOCA Regressamos amanhã pelo trem da tarde ou da noite?
- HELENA Ainda não sei, dona Mileca.
- MILOCA Helena, o que é se passa com voce, minha querida? Voce que fo. tão valerosa nos momentos mais dificeis e mais cruciantes, ag. ra que tudo passou está nessa indecisão e nesse abatimento? Po. que?
- HELENA Dona Mileca, para mim o momento mais dificeil e mais cruciante ainda está para servivide.
- MILOCA Como? Ex. não estou entendendo o que voce quer dizer. Explique- se.
- HELENA É que eu salvei o meu filho... para perde-lo. Entendeu agora?
- MILOCA Não. Continue sem entender patavina. Salvou-o para perde-lo per. que?

- HELENA Porque a partir de instante em que tenhamos regressado à nossa casa, deverei entregar Otavinho aos cuidados de senhor Luiz Carlos e que é por isso mesmo mais certo o direito de me aproximar do menino.
- MILOCA Palavra de honra que eu eu fiquei burra da cabeça toda, eu vou está falando grego e é natural que eu não consiga entender o que você diz.
- HELENA Dona Mileca, atente para o que eu digo: para conseguir que aquele malvadenos trouxesse para cá no seu avião, eu assumi com o compromisso de que se o menino se salvasse eu o entregaria e nunca mais procuraria aproximar-me dele ou dirigir-lhe a palavra.
- MILOCA Não! Não pode ser!
- HELENA Jure-lhe que é verdade. E aí está o motivo porque estou me custando tanto a deixar o hospital. Como sei que nunca mais o verei sinão de longe, cada vez que a nessa separação se aproxima eu procuro prete-la.
- MILOCA Mas esse homem é um infame. Exigir de você um sacrificio dessa natureza em uma hora de agonia tão grande é uma baixaria que toca as raízes da ignomínia.
- HELENA Bem, dona Mileca, não nos adianta mais nada estarmos agora a discutir o merito ou a infamia de um gesto que já foi executado. A realidade é essa que acabei de lhe contar e não nos resta outra alternativa sinão curvarmos a ela a nessa cabeça.
- MILOCA (FIRME) Isso é que não. Curve você a sua, si quiser, mas eu é que não curvarei a minha. Vou lutar com todas as armas para vencer aquele maldito e si nada conseguir por outros meios, venderei a minha casa e fugiremos os tres para qualquer recanto do mundo onde ele não seja capaz de nos encontrar.
- HELENA Não, dona Mileca, não podemos proceder dessa maneira. Por muito que me custe ao coração eu serei obrigada a cumprir a minha palavra.
- MILOCA Mas você está leuca, Helena? Você então não compreende que não pode haver compromisso numa palavra arrancada à força num momento de desespero? Onde é que está o seu raciocínio? A sua capacidade de compreensão?
- HELENA Quanto mais grave é o momento em que apenhamos a nossa palavra maior é o nosso dever em cumpri-la, dona Mileca. Eu disse ao Senhor Luiz Carlos que pagaria qualquer preço para a salvação de Otavinho, não posso agora faltar.
- MILOCA Pois bem, já que você não se convence, eu voltarei amanhã a Imatã e lá irei falar com ele. Você me aguardará aqui.

- HELENA            Em não posso lhe dizer que não vá, mas se menos lhe peço uma coisa: que a senhora faça sentir a ele que eu estou disposta a cumprir a minha palavra e que não tive a menor interferência na sua atitude.
- MILOCA            Não se preocupe que eu terei o cuidado de não lhe deixar mal
- OPERADOR        ENTRA COM FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO
- NARRADOR        Dona Mileca voltou, efetivamente no dia seguinte e incontinentemente foi procurar o senhor Luís Carlos Bardet. Ao princípio ela tentou demovê-lo tocando-lhe o coração. Ele se mostrou inflexível. Ao fim de quasi uma hora de tentativas inúteis e as mais variadas, a boa senhora se revoltou e deu livre vazão ao que estava sentindo.
- OPERADOR        CORTA O FUNDO
- MILOCA            O senhor é um desalmado, um homem que só é homem pela forma mas que no intimo não passa de um monstro que se alimenta das lágrimas e do desespero alheio. Não fosse eu uma velha de músculos enfraquecidos pelo trabalho e pelas vicissitudes da vida e nesse momento não me faltaria coragem para mata-lo a pancadas. E não me arrependeria pelo que me pudesse acontecer, ficando sabendo. Não me arrependeria porque estaria em paz com a minha consciência por ter livrado a sociedade de uma pústula como o senhor. O senhor é um carrasco, um verdugo, um homem que pelo prazer de ver curvadas aos seus pés as criaturas todas que o xam rodeiam, não titubeia em praticar as ações mais vis e deshumanizadas contra aquelas que não se curvam ao pé do seu dinheiro. É um homem mau. Um homem que não deveria chamar-se homem, porque...
- LUIZ                (FORTE) Megra! Basta de insultos. Saia desta casa imediatamente
- MILOCA            Sairei, sim. Sairei para que não me envenene o ar que se respira aqui neste antro. Sairei para quando me afoguei, ainda mais, e o diabo que estou sentindo pelo senhor. Mas de uma coisa pode ficar certo...
- LUIZ                (CORTANDO FORTE) Saia, já disse. Não me obrigue a manda-la atirar no meio da rua pelas criadas.
- MILOCA            Faça isso e terá mandado fechar com chave de ouro a história da maior infamia da sua vida. Mas antes que isso aconteça, eu ainda vou dizer o que o senhor quis impedir que eu dissesse. O senhor está tomando um remédio errado para o seu tédio, e para a sua melancolia e quando esses males estiverem a ponto de mata-lo, o senhor há de se convencer desse erro, mas há de ser muito tarde. Merrerá desesperado e sem salvação, lembrando, uma por uma as palavras todas que eu lhe disse agora.
- LUIZ                (GRITANDO INDIGNADO) Rua, vamos! Saia-me em paz, velha megera!

MILOCA Mas<sup>o</sup> as é o que o senhor não conhecerá nunca! (AFASTANDO-SE) Cento e duzentas, trezentos anos que viva e a paz há de lhe faltar sempre. Sempre!

OPERADOR ENTRA COM MUSICA DE FARRAÇO

NARRADOR Por incrível que pareça, as palavras de dona Mileca ficaram se- do profundamente no espirito e no coração daquele homem endurecido pelas desilusões e pelo desencanto de uma vida inútil e desregrada. E aquela noite ele não conseguiu conciliar o sono. Por mais que procurasse pensar na satisfação que lhe causaria viteria de arrancar dos braços de Helena aquele menino que era toda a alegria de sua vida, as palavras da velha voltavam soar-lhe aos ouvidos com a entonação de uma praga terrível!

MILOCA (VOZ DE SOPRO) Mas é o que o senhor não conhecerá nunca! Nunca! (AFASTANDO) Nunca! Nunca! Nunca! Nunca!

NARRADOR Varias vezes levantou-se da cama e foi olhar, através da vidraça a noite negra, lá fora. O vento soprava com furia inaudita, que brande galhas e arrancando folhas. De vez em quando, um corisco desenhava, no fundo escuro do céu, um arabesco de prata. Quem o visse impassível, encostado à janela, servindo com gestos lentos a fumaça de seu cigarro e olhando com aparente serenidade a tempestade lá fora, seria incapaz de suspeitar que dentro de seu peito rugia uma outra tempestade talvez maior e mais intensa. Mas não, ele não poderia deixar-se abater pelas telices daquela velha tenta. Suas palavras eram vazias e sem nenhum sentido. Ele não deveria retroceder. Precisava vingar-se da cusadia daquela moça impertinente e petenciosa e levaria avante a sua vingança à despeito de quantos gritassem contra ele. E fei nessa disposição de espirito que voltou para a cama e quasi ao raiar de um novo dia conseguiu finalmente adormecer. Quando acordou o sol ia bem alto e não tardou muito em que lhe viessem anunciar a presença de Helena em sua casa. Dirigiu-se imediatamente ao salão para atendê-la.

OPERADOR CORTA A MUSICA EM FUNDO

HELENA Vim cumprir a minha palavra. Entreguei o menino ao mordomo e pedi-lhe que o levasse para longe dos meus olhos, afin de que eu não o visse quando tivesse que me retirar.

LUIZ E si eu lhe dissesse que resolvi, esta noite, abrir mão da minha exigencia e deixar que o menino continuasse na sua companhia? Que pensaria voce desse meu gesto?

HELENA pensaria que Deus havia se apiedado, finalmente, de sua pobre alma, derramando sobre ela uma centelha da sua divina luz.

LUIZ Ouça, meninas: certa vez voce tentou oferecer um remedio à minha pobre alma enferma e eu o recusei. A minha recusa provocou a sua revolta, abrindo uma luta terrível entre nós dois. Pois bem, par



incrível que parça, só quando essa luta parça, só quando essa luta parecia atingir o seu clímax foi que eu, finalmente, me apercebi que ela se transformara no grande remédio que haveria de curar a minha melancolia. Vivamente empenhado no desejo de dominá-la e de vencê-la, eu encontrei, finalmente, um interesse na vida, esquecendo, durante quasi três anos, o vazio e a margura das minhas horas de tédio. Devo-lhe, por conseguinte, um bem inestimável que desejo pagar-lhe. E de que forma melhor poderei fazê-lo senão devolvendo-lhe essa criança que tem sido o grande enlevo de sua vida?

HELENA Não é possível! Eu devo estar sonhando! O senhor me permite, realmente levar o menino de volta?

LUIZ Já lhe disse que sim. Imponho-lhe, apenas, uma condição: você se permitirá ajudá-la na difícil tarefa de instruí-lo e educá-lo. Será a maneira de continuar a encher as minhas horas vazias e manter afastados de minh'almas o tédio e a melancolia.

HELENA Será a melhor maneira, acredite.

LUIZ Concorde, então, com a condição que lhe imponho?

HELENA É claro que sim. Pois não foi este o remédio que lhe vim oferecer naquela ocasião e que o senhor ~~me~~ recusou? Há de ver, agora, o quanto ele é poderoso e eficaz.

LUIZ Acredito, sim e tenho razões bastantes para acreditar porque já começo a sentir, deste momento, o bem estar que a paz de consciência pode refletir nos nossos corações!

OPERADOR ENTRA COM MÚSICA SUAVE E BONITA PARA FUNDO DE NARRACÃO

NARRADOR Helena voltou para casa com o menino nos braços e uma alegria imensa no fundo de sua alma. Não sabia bem definir qual das graças seria a maior, das que acabara de receber: si o retorno do filho adotivo a quem ela tanto adorava, ou a salvação daquela alma empedernida, prestes a rolar pelo despenhadeiro da desesperança. Dona Miléca, com a volta da criança, não cabia em si de contente. Vivia a rir e a cantar pelos cantos e não cansava de repetir para a noça as mesmas palavras:

MILOCA Foi medo da minha praga; você pensa? Eu vi que ele se assustou. Eu bem que vi, pelos olhos dele. Mas com tudo isso eu é que não quero saber d'ele aqui em casa. Pensa que eu me esqueci que ele me chamou de velha megera? Atrevidão! Malcriadão! Velha megera, eu. Não o perdooarei nunca!

NARRADOR Palavras! Nada mais que palavras! Quem tem o coração grande, perdooa e esquece até coisas piores. E queiram ver como eu digo a verdade? Pois então saibam que ela vai ser madrinha do casamento da senhorita Helena com o senhor Luis Carlos Bardot.

OPERADOR ENTRA COM FINAL GRANDIOSO E FUNDE COM CARACTERÍSTICA